



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 15, número 2, jul-dez, 2022, pág. 282-315.

## **EXPERIÊNCIA INTERNA E AUTOCONSCIÊNCIA EM INDIVÍDUO DE ORIENTAÇÃO SEXUAL HOMOAFETIVA: UM ESTUDO DE CASO FENOMENAL**

Alexsandro Medeiros do Nascimento  
Normando José Queiroz Viana  
Marijaine Rodrigues de Lima Freire,  
Antonio Roazzi

**Resumo:** O estudo objetivou descrever de forma compreensiva a estrutura e composição da experiência interna e a autoconsciência fenomenal de um sujeito de orientação sexual homoafetiva durante estado autoconsciente. O estudo foi estruturado na modalidade de estudo de caso único, com uso de entrevista com roteiro fenomenológico com controle de estímulos autofocalizadores – o EFEA-V. A entrevista foi audiogravada e transcrita integralmente, sendo encaminhada à análise temática segundo metodologia fenomenológica padrão. A análise fenomenal permitiu a construção de uma definição estrutural fundamental que capturou a essência da experiência autoconsciente vivenciada pelo participante desvelando um estado autoconsciente edificado sobre complexa fenomenologia marcada pelos elementos: Visualização interna; Fala interna; Autoconsciência e processo auto-avaliativo; Sentimento; Consciência Sensória; e, *Self* físico e autofoco público. O estudo permitiu documentação em 1ª pessoa de estados de consciência autoreflexiva, lançando as bases de uma agenda propositiva de pesquisa na perspectiva de estudar este fenômeno na interface cognição e homossexualidades.

**Palavras-chave:** Experiência interna; autoconsciência; homossexualidades; fenomenologia; métodos em 1ª pessoa.

### **Inner experience and Self-awareness in individual of homoaffective sexual orientation: A phenomenal case study**

**Abstract:** The study aimed to comprehensively describe the structure and composition of inner experience and the phenomenal self-awareness of a homosexual male during a self-conscious state. The study was structured as a single case study, using an interview with phenomenological script and control of self-focusing stimuli - the EFEA-V. The interview was recorded on audio e entirely transcribed, being submitted to the thematic analysis according to standard phenomenological methodology. The phenomenal analysis allowed the construction of a fundamental structural definition that captured the essence of self-conscious experience lived by the participant, unveiling a self-conscious state built on complex phenomenology marked by elements: Inner seeing; Inner speech; Self-awareness and self-evaluation process; Feeling; Sensory awareness; and Physical Self and public autofocus. The study provided documentation in the first person of states of self-reflective consciousness, laying the foundations of a propositive research agenda to study this phenomenon at the interface of cognition and homosexualities.

**Keywords:** inner experience; self-awareness; homosexualities; phenomenology; first-person methods.



O escopo acerca do conhecimento científico sobre autoconsciência, expressão da consciência, tem empregado amplo esforço por desenvolver formas de entendimento do ser humano a partir da percepção de si mesmo (Morin & Racy, 2021; Nascimento & Roazzi, 2017). Tal perspectiva encontra na Teoria OSA (Objective Self-awareness Theory), apresentada por Duval e Wicklund (1972), um dos seus expoentes teóricos modernos.

A perspectiva em questão parte de um aporte teórico cuja base intenciona, ao mesmo tempo, contrastar e interfacear, tanto aquelas propostas teóricas de níveis de consciência com foco no “exterior” (consciência) e no “interior” (autoconsciência) do self (Nascimento et al., 2019; Morin, 2006), como também os estudos clássicos realizados por Mead (1934) a respeito da relação entre mente/*self*, cérebro e sociedade.

Tal campo revela um posicionamento não raro na psicologia experimental social e da personalidade<sup>1</sup>, posicionamento este que, segundo Morin (2005), parte do entendimento que, para dirigir a atenção para o exterior ou para o interior, dado organismo, num primeiro momento, precisa estar consciente, ou seja, ser capaz de processar informações do ambiente e responder aos estímulos dele advindos, se não, seria tomado como inconsciente, mediante o não processamento de informações oriundas do ambiente ou do *self*.

Coaduna com o posicionamento em questão, conforme apontam Nascimento e Roazzi (2017; 2013), a opinião de Fenigstein, Scheier e Buss (1975), fundada em estudo, de base fatorial, a respeito da diferenciação entre duas faces da autoconsciência, uma que reconhece a autoconsciência enquanto *estado* autoatentivo (*self-awareness*) e outra a concebe enquanto um *traço*

---

<sup>1</sup> As interações entre os processos da reflexividade e os traços mais estáveis do self como a personalidade ainda estão por receber maior atenção da pesquisa cognitiva. Em especial, há que se salientar o traço altamente dinâmico e transformativo que caracteriza tais sistemas psicológicos, e seu potencial de interafetação mútua (ver Morin & Racy, 2021; Nascimento, Roazzi, Souza, Dantas, Souza, & Mascarenhas, 2020; Martins et al., 2019).



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

(*self-consciousness*). Estas ocasionariam então, respectivamente, diferentes processos instanciadores da autoconsciência, um de natureza situacional, afeito aos estados transitórios de atenção autofocalizada, subordinados a estimulação do ambiente resultante de uma experiência pontual, e outro de caráter disposicional, concebido enquanto elemento estável da personalidade, relativamente independente de estímulos autofocalizadores.

Seguindo o mesmo raciocínio, Fenigstein, Scheier e Buss (1975), tratam de duas diferentes dimensões da autoconsciência, uma que aponta para os aspectos privados e outra para os aspectos públicos. Para os autores em questão a autoconsciência, na dimensão privada, compreenderia um processo autoatentivo, reflexivo, que coaduna diferentes operações cognitivas na compreensão de elementos do *self* privado<sup>2</sup>, aqueles que não são observados externamente, a exemplo das emoções, sensações, humores, valores, dentre outros; no outro extremo, a face pública da autoconsciência, daria conta de uma mirada atenta sobre os elementos que constituem os aspectos visíveis e intersubjetivos do *self*, sua expressão pública representada pelos comportamentos, aparência física, dentre outros (ver Nascimento et al., 2019).

A respeito dos aspectos reflexivos da autoconsciência privada, Trapnell e Campbell (1999), Nascimento (2008) e Nascimento e Roazzi (2017; 2013), destacam que estes são organizados a partir de dois campos, a saber, um de ordem epistêmica e voluntária (reflexão), simpático aos tipos de afeto positivo, propositivo mediante a apreciação do autofoco; e outro ruminativo e disfuncional (autoruminação ou ruminação), tipologia esta cuja referência incide sob as formas de afeto negativo<sup>3</sup>, depreciativas do autoaspecto, as quais quando

---

<sup>2</sup> O que põe em primeiro plano a mediação cognitiva como princípio geral da cognição humana, e em especial, a cognição autorreferencial, isto é, a ideia da realizabilidade dos processos cognitivos *por meio* de outros processos cognitivos (ver Nascimento, 2008; Nascimento, Roazzi, Souza, Dantas, Souza, & Mascarenhas, 2020).

<sup>3</sup> Nascimento, Junior, Junior, & Roazzi (2020) discutem a escassez de documentação fenomenológica da autoconsciência, em especial dos afetos emergentes durante a autofocalização na literatura psicológica. À parte uma notificação ligeira sobre afetos aversivos típicos resultantes da comparação self-standard na teoria OSA original (Duval & Wicklund, 1972), os pesquisadores ainda não se debruçaram a contento sobre as vicissitudes do afeto na organização funcional e ontogênese da autoconsciência, e os relatos fenomenológicos são



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

sua ocorrência se dá de forma insidiosa, automática e sob precário controle voluntário, encontra-se relacionado a certos tipos psicopatológicos, notadamente os relacionados ao espectro da depressão<sup>4</sup> (ver Nascimento, 2008; Nascimento et al., 2017).

Neste sentido, a autoconsciência tomada como uma miríade de processos autoavaliativos direcionados ao próprio self, torna-se fortalecida pelas contribuições da perspectiva previamente citada, na medida em que as duas dimensões apresentadas, a do *self* privado e a do *self* público, em especial, a do *self privado*, acrescentam à discussão sobre a autoconsciência um caminho teórico que busca compreender como tais processos autoavaliativos encontram-se relacionados aos afetos, sejam eles positivos ou negativos (Nascimento, Junior, Junior, & Roazzi, 2020), e como estes, não quando sua ocorrência se dá de forma pontual, mas de sim de modo frequente, instancia nos sujeitos, ou mesmo proporciona aos mesmos, o terreno propício ao indiciamento, seja danoso ou salutar, de índices de bem ou mal estar psicológico (Duval & Wicklund, 1972; Nascimento et al., 2017).

À luz do marco teórico por ora apresentado, o acesso à autoconsciência dar-se-ia então por intermédio de uma perspectiva teórica e metodológica que busque levar em conta os aspectos fenomenais dos estados conscientes (Magalhães et al., 2020), com destaque a seus conteúdos representacionais (ver Nascimento, 2008). Segundo elenca Dybvig (2005), tal emergência ocorreria por intermédio dos aspectos fenomênicos da experiência interna das pessoas, o que forçosamente põe em cheque as metodologias em 3ª pessoa em voga na ciência cognitiva, e lançam o desafio para inovação metodológica na criação de

---

escassos. Notável exceção é a documentação da autoconsciência fenomenal em estado de vigília efetuada por Nascimento (2008), estudo ainda bastante solitário na literatura.

<sup>4</sup> Os achados da pesquisa de Nascimento, Paula e Roazzi (2017) com seminaristas católicos romanos acende o alerta para a necessidade de se avançar uma agenda de pesquisa que busque elucidar o papel dos afetos na autoconsciência, e as relações desta com a psicopatologia do espectro depressivo: neste estudo, o afeto negativo se mostrou interrelacionado com autorreflexão e ruminação, o que questiona uma abordagem teórica simplista que dicotomize a autoconsciência em operação boa/funcional (reflexão) e ruim/desadaptativa (ruminação), ambas as operações de autofocalização podem se enlaçar a afetos negativos, achado que insta por maior discernimento em pesquisa futura.



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

roteiros fenomenais que acerquem com alta fidelidade a fenomenologia da experiência consciente e autoconsciente, conforme reflexão de autores fenomenalistas em psicologia cognitiva<sup>5</sup> (ver Nascimento, 2008; Hurlburt & Schwitzgebel, 2007; Hurlburt et al., 2017).

Vale pontuar que a referida natureza de experiência consta do repertório de interesse da ciência psicológica desde sua origem. Em 1873, Wundt (1832-1920) considerado o fundador da moderna psicologia experimental, definiu a psicologia como a disciplina em que *“a pessoa olha para si a partir de dentro e tenta explicar as interrelações entre os processos que esta observação interna divulga”* (Heavey & Hurlburt, 2008, p.798, tradução nossa). William James (1898-1944) em seu livro *Princípios de Psicologia*, escreve as seguintes palavras: *“A psicologia é a ciência da vida mental, de seus fenômenos e de suas condições. Os fenômenos são coisas como a que chamamos sentimentos, desejos, cognições, raciocínios, decisões, e assim por diante”* (James, 1890/1981, conforme citado por Heavey & Hurlburt, 2008. p.798, tradução nossa). No entanto, o estudo da experiência interna revelou-se difícil, com alguns estudiosos no início do século XX argumentando que o estudo da consciência deveria ser excluído da psicologia<sup>6</sup>, fazendo com que tais estudos

---

<sup>5</sup> Nascimento e colaboradores tem contribuído com estudos empíricos utilizando instrumentos fenomenais para levantamento e documentação de diversas fenomenologias psicológicas, ver os estudos sobre mediação cognitiva e fenomenologia autoconsciente na vigília e em estados incomuns da consciência (Nascimento, 2008), os significados da experiência interna da formação presbiteral em seminaristas católicos (Paula & Nascimento, 2018), sobre sensação e afetividade (Magalhães & Nascimento, 2017) e fala interna (Magalhães & Nascimento, 2018) na experiência interna entre *headbangers* (fãs de heavy metal), sentidos da atratividade física em pessoas idosas (Viana, Nascimento, Souza Neto, Magalhães & Roazzi, 2020), sobre Mandalas e Estrutura de Visualizações na fenomenologia da experiência com Ayahuasca (Nascimento, Virgolino, Savoldi & Roazzi, 2020), entre outros. Os trabalhos empíricos desta equipe de pesquisadores trabalhando no LACCOS/UFPE expressam o retorno na seara psicológica contemporânea dos métodos introspeccionistas na pesquisa da experiência consciente, num esforço amplo de dotar tais metodologias em 1ª pessoa de rigor e fidedignidade, respondendo às críticas históricas que ocasionaram seu ostracismo na pesquisa. Para uma defesa do método introspeccionista em psicologia cognitiva contemporânea ver Magalhães, Nascimento e Roazzi (2019).

<sup>6</sup> É impressionante a perenidade da suspeição consoante a utilização de introspecção em pesquisa da experiência interna ainda em pleno século XXI, a excelente monografia de Hurlburt e Schwitzgebel (2007) evidencia o vigor dos preconceitos epistemológicos quanto às metodologias introspeccionistas, em que ambos os autores debruçam-se sobre o mesmo



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

tivessem um recuo durante grande parte daquele século. Mas, algumas explorações permaneceram em diferentes formas e sob nomes distintos, como por exemplo, a Teoria da Auto-observação de 1953 de Edwin G. Boring (1886-1968) (ver Heavey & Hurlburt, 2008).

A experiência interna se mostra através de fenômenos que ocorrem naturalmente e, provavelmente, estão interligados às características mais importantes da personalidade e do seu funcionamento (Hurlburt et al., 2017). Tais fenômenos foram caracterizados como os seguintes elementos: Fala interna, Visualização interna, Consciência Sensória, Sentimento, e Pensamento não-simbolizado (Chalmers, 1996; Heavey & Hurlburt, 2008), a experiência da tridimensionalidade do mundo e do self (Velmans, 2009), além da própria autoconsciência como elemento mediador da experiência interna<sup>7</sup>, conforme postula Nascimento (2008).

A rubrica da *fala interna*, também pode ser encontrada através de expressões equivalentes como: autofala, fala subvocal, diálogo interno ou monólogo, pronunciamentos, autoverbalização, auto-afirmação, fala privada, imagem auditiva, fala para o self (Morin, 2017; 2005). É geralmente definida como a atividade de falar consigo mesmo em silêncio, atua como reguladora da experiência interna e é um de seus elementos de maior frequência, o seu estudo remonta aos filósofos gregos (Heavey & Hurlburt, 2008; Morin, 2005). Possui variadas funções como: auto-orientação e autorregulação verbal; resolução de problemas; planejamento e memória, além do seu papel na autoconsciência e aquisição de auto-informação<sup>8</sup>, pois, reflexões podem ser comunicadas e

---

conjunto de dados de entrevista e fazem sentido dos mesmos a partir de posições pró e contra a introspecção, aqui representada na abordagem DES de autoria do primeiro autor (Hurlburt), recebendo as críticas da posição cética do segundo autor (Schwitzgebel), que interroga acidamente a viabilidade deste projeto metodológico calcado na observação interna.

<sup>7</sup> Autoconsciência fenomenal (*phenomenal self-awareness*), na conceituação deste autor (ver Nascimento, 2008).

<sup>8</sup> O estudo fenomenológico-cognitivo de Nascimento (2008) tem corroborado a hipótese da mediação cognitiva de autoconsciência por fala interna, em que os indivíduos da amostra sistematicamente lançaram mão de autoverbalizações silenciosas para comentar aspectos de si mesmo, e apreender novas nuances de seu comportamento e da vida mental a partir destes



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

discutidas com o eu através de diálogos internos, bem como com o outro. Também se sugere que a fala interna pode reproduzir e expandir internamente fontes sociais e físicas de autoconsciência, além de criar uma distância psicológica entre o eu e eventos mentais, facilitando, assim, a auto-observação (Morin, 2005).

A *visualização interna*, na forma de imagens mentais, é um dos elementos muito estudados desde o início da psicologia, particularmente, pelo renomado estudioso inglês Francis Galton, já na segunda metade do século XIX. Em seus estudos ele concluiu que havia diferenças individuais substanciais na capacidade de formar imagens mentais e essas diferenças consideravam a idade, o gênero, a ocupação entre outras características dos indivíduos. A visualização interna configura um tipo de imagem mental – a qual move-se sempre para dentro, em direção a experiências que não estão associadas a objetos particulares no ambiente ou no corpo, mas que são, em certo sentido, gerados internamente (Chalmers, 1996). Como elemento da experiência interna, implica em ver algo na imaginação que não está atualmente presente na percepção, aparecendo como um dos seus elementos mais frequentes<sup>9</sup> (Heavey & Hurlburt, 2008).

O elemento da experiência interna denominado *consciência sensorial*, diz respeito a experiência de prestar atenção especial a algum aspecto sensorial

---

comentários silenciosos. Todavia, o lugar da fala interna na cognição, e mesmo na cognição autorreferencial é ainda controverso, pois achados de pesquisa recente (ver Verhaeghen & Mirabito, 2021), levaram os autores a considerar a fala interna como um epifenômeno, dado que de uma miríade de variáveis dependentes observadas na pesquisa, apenas fala interna utilizada para regulação da memória/atenção (para a sabedoria sobre si mesmo e a base moral individualizante) e avaliar/motivar (para o fundamento moral vinculativo) estiveram associadas com autoregulação, estando a autoconsciência por sua vez, esta sim, fortemente associada a esta atividade cognitiva.

<sup>9</sup> Nascimento (2008) documentou empiricamente de forma pioneira o papel das imagens mentais na mediação cognitiva de autoconsciência, onde em estudo misto, tanto se encontrou que maiores escores de habilidades de visualização de imagens mentais estiveram associadas à autoconsciência tanto situacional quanto disposicional, quanto em estudo fenomenal específico, indivíduos reportaram utilizar a visualização interna como meio de auto-escrutínio e de obtenção de autoconhecimento sobre auto-aspectos não só do self físico, mas de dimensões abstratas do self como a moralidade, personalidade e crenças metafísicas.



## Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

específico do corpo ou do ambiente externo ou interno, de maneira focal e direta, envolvendo alguma qualidade sensorial específica do objeto. É um fenômeno muito particular e ocorre com alta frequência, apresentando uma diferença substancial com relação à frequência dos outros fenômenos da experiência interna. Apesar disso, ainda é um fenômeno muito pouco reconhecido da experiência interna (Heavey & Hurlburt, 2008).

Outro elemento importante é o *sentimento*, o qual compreende a representação de algum tipo de afeto como tristeza, felicidade, humor, ansiedade, alegria, medo, nervosismo, raiva, vergonha, entre outros, e configura o segundo elemento de maior expressão no curso da experiência interna (Heavey & Hurlburt, 2008). Segundo David Watson (2000), conforme citado por estes autores, as pessoas estão, essencialmente, sempre enfrentando algum tipo de afeto. O estudo de Heavey e Hurlburt (2008) demonstrou que, em cerca de um quarto dos momentos amostrados, os participantes relataram experimentar sentimentos.

Menos frequente, mas não menos importante, é o elemento da experiência interna na forma do *pensamento não-simbolizado*. Este elemento diz da experiência de um pensamento explícito, diferenciado, e que não inclua a experiência de palavras, imagens ou quaisquer outros símbolos. Também não há separação temporal, espacial, gramatical ou qualquer outra formalidade. Refere-se à maneira de experimentar a si mesmo e não a qualquer entidade ou processo que possa ser parte de uma explicação teórica. Também não é um precursor ou parte de um outro fenômeno, configurando-se como uma característica única ou principal da experiência interna, podendo incluir outras ocorrências simultâneas tanto do próprio pensamento não-simbolizado, como da fala interna, visão interna, sentimentos ou outros tipos de experiência. É diretamente observável e não precisa ser inferido ou deduzido. Apresenta-se de uma só vez, como uma unidade, sem ritmo ou cadência, sem desdobramentos ou sequencialidades. Seu conteúdo é explícito, concreto e específico, ocorrendo diretamente na experiência. É um fenômeno ainda pouco conhecido que ocorre



## Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

com frequência, sendo uma das características mais comuns da experiência interna (Heavey & Hurlburt, 2008; Hurlburt & Akhter, 2008).

Segundo Chalmers (1996), elementos da experiência interna estariam então situados no campo dos “problemas difíceis”<sup>10</sup> os quais consideram os aspectos fenomenológicos da experiência consciente como elementos centrais para seu entendimento, em oposição ao campo dos “problemas fáceis”, cujo cerne reside sobre a materialidade da consciência, tomando como referente as bases neurofisiológicas da mente e do cérebro. Todavia, a defesa da consciência fenomenal, consciência esta definida por Kriegel (2006) enquanto estados mentais, eventos e processos envolvidos quando, e apenas quando, dado objeto está sob a apreciação da consciência, revela-se ainda insipiente na discussão científica sobre a relação mente-cérebro, comprometendo não só a dimensão terminológica ou conceitual do construto em pauta, como também seus aspectos processuais (ver Velmans, 2009; Dybvig, 2005).

O exposto até o presente ressalta a importância por compreender o funcionamento da maquinaria cognitiva humana e, especialmente, da face fenomenal por ela expressa. Todavia, considerando o caráter mutante e transformador do fazer ciência, outros desafios se põem em cena neste horizonte. Um dos mais relevantes, em nosso entendimento, intenciona iluminar a compreensão sobre a cognição humana, levando-se em conta a diversidade de expressões que marcam a condição de ser humano materializadas em distintas culturas e realidades e assim não se fechar, apenas, sobre a investigação de tipos humanos “medianos”, “padrão”, mas também se esforçar por tentar acessar outros segmentos populacionais ditos marginais, conforme discute Nascimento (2008).

Assim, a fim de desvelar as peculiaridades da cognição de sujeitos atípicos, ou escassamente alcançados pela pesquisa psicológica, propomos com

---

<sup>10</sup> Ou *hard problem*, na terminologia deste autor (Chalmers, 1996); refere-se ao complexo problema da experiência e dos qualia da consciência, que tem atormentado a psicologia desde seu nascedouro enquanto disciplina científica, e à filosofia desde seus inícios na antiguidade (ver discussão sobre os qualia em Nascimento, 2008).



## Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

este estudo descrever de forma compreensiva a estrutura da experiência interna e sua composição, incluída a autoconsciência fenomenal, de um sujeito de orientação sexual homoafetiva. Para tanto, passaremos a uma breve reflexão sobre o campo de investigação acerca das homossexualidades no continente sulamericano e, em especial, no Brasil.

Na última década, a discussão sobre homossexualidades no campo da produção do conhecimento científico, no continente sulamericano, tem sido tematizada por diferentes setores, especialmente o das ciências humanas, sociais e da saúde, seja de modo independente ou interfaceado. Conforme levantamento em bancos de dados eletrônicos, o *mainstream* na temática versa, prioritariamente, sobre a interface com as discussões associadas à família; saúde, no âmbito geral; em especial, sobre HIV/AIDS; homofobia e violência; práticas sexuais; identidade; casamento; religião; envelhecimento; etnia; gênero; homossexualidade feminina; psicométrica; autoestima; cibersexualidade; diversidade sexual; drogas; psicanálise e trabalho.

O enlace entre a temática homossexualidade e família tem sido abordado, sobretudo, no âmbito da discussão entre familismo (anti)homossexual e regulação da cidadania no Brasil (Mello, 2006); parentalidades “impensáveis”, novos arranjos parentais (Zambrano, 2006). Na esfera da saúde da população LGBTTT (Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros e transexuais), a discussão vigora sobre saúde de jovens homossexuais masculinos (Cunha & Gomes, 2014); saúde mental e clínica psicológica destinada à população LGBTTT (Toledo & Pinafi, 2012); sobre ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoerótica (Teixeira Filho & Rondini, 2012). Especificamente no tocante aos estudos em DST/AIDS, encontram-se os que tratam da problemática da vulnerabilidade à AIDS de homens que fazem sexo com homens – HSH (Lippman *et al.*, 2014).

Os assuntos homofobia e violência têm sido expressos por intermédio de estudos sobre a construção social da discriminação por orientação sexual,



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

violência contra gays e a criminalização da homofobia (Freire & Cardinali, 2012); análise psicossocial do preconceito contra homossexuais (Fleury & Torres, 2007). As práticas sexuais tem sido analisadas em estudos sobre cibersexualidade e *barebacking* (Silva, 2010); comportamentos e práticas sexuais de homens que fazem sexo com homens - HSH (Lima *et al.*, 2014); investigação do mercado sexual homoerótico em dois contextos sul-americanos (Recife/BR e Buenos Aires/AR) (Souza Neto *et al.*, 2021). Quando o assunto é identidade, as pesquisas abordam as identidades sexuais não hegemônicas (Madureira & Branco, 2007); e identidades, trânsitos e diversidade (Monteiro *et al.*, 2010). Outros temas pouco abordados, todavia, deveras importantes, especialmente, para a ciência psicológica, são os estudos no campo da psicometria, a exemplo do estudo de validação e adaptação transcultural da escala multidimensional de atitudes na população gay e lésbica (Gato *et al.*, 2014); envelhecimento no contexto das estéticas do homoerotismo na velhice (Santos & Lago, 2013); e a pesquisa sobre autoestima, representado pelo estudo acerca da avaliação da autoestima de gays realizado por Canali *et al.* (2014).

A breve apresentação dos estudos por ora pontuados, dizem de um universo amplo de possibilidades de interface entre a temática homossexualidade e uma diversidade de outros assuntos, sobretudo aqueles que apresentam um viés psicossociológico. Todavia, neste universo, ainda persiste um relativo silêncio entre algumas questões, em especial, de ordem intrasubjetiva de caráter consciencial e experiencial, a exemplo da interface entre os estudos sobre cognição e a homossexualidade. Tal lacuna deixa de cobrir algumas questões, por demais relevantes, sobre a natureza e o dinamismo do funcionamento psicológico e, sobretudo, cognitivo, de sujeitos homossexuais os quais representam um segmento populacional de importante relevo no temário social contemporâneo.

Há uma escassez reconhecida de estudos com temáticas cognitivas que tenham foco de análise explícito em vivências e temas de interesse da



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

comunidade LGBTQIA+, exceção digna de nota é o estudo recente sobre autoconsciência e autorrepresentações do self entre trabalhadores do mercado sexual homoerótico sul-americano (Souza Neto et al., 2020). Neste estudo, os autores encontraram vivências frequentes de estados de autofoco, reflexivos e ruminativos, entre os trabalhadores sexuais, com reflexos significativos sobre o autoconceito e autoestima destes trabalhadores.

Tentando-se avançar nesta agenda de pesquisa olvidada, e apoiando-se em uma epistemologia fenomenal da mente e consciência que prescreve uma dimensão fenomenal (mente fenomenal) emergente do processamento cognitivo e neural (mente psicológica) segundo escudada por autores diversos (Chalmers, 1996; Velmans, 2009; Nascimento, 2008; Kriegel, 2006), tematizou-se no presente estudo a hipótese de emergência de complexa fenomenologia durante estado autoconsciente em indivíduo de orientação sexual homoafetiva que urge levantar e descrever, notadamente sobre um papel da autoconsciência como mediadora deste fluxo de experiência interna (ver Nascimento, 2008; Nascimento et al., 2019), subsidiando assim uma melhor compreensão do funcionamento cognitivo e subjetivo de indivíduos com esta orientação sexual.

### **Método**

O estudo foi estruturado na modalidade de estudo de caso único, com uso de entrevista com roteiro fenomenológico com controle de estímulos autofocalizadores segundo o modelo validado por Nascimento (2008). Os estudos de caso são estratégias metodológicas consideradas vitais na geração e teste de teorias, e visam um entendimento profundo do caso em foco, sem preocupar-se em demasia com a sua representatividade, dado o interesse intrínseco do estudo do caso individual, o qual constitui uma unidade específica, um sistema delimitado cujas partes são integradas (Stake, 2000), estratégia esta de pesquisa com perspectiva referida ao como e ao porquê dos fenômenos em observação, os quais devem ser descritos exhaustivamente a fim



## Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

de se testar hipótese ou teoria previamente explicitada (Yin, 1984). O estudo de caso único tem sido estratégia crucial na psicanálise e psicoterapia (Serralta, Nunes & Eizirik, 2011) e psicologia, sendo considerada abordagem adequada e propiciadora de construção de conhecimento válido nas ciências psicológicas, e também na psicologia cognitiva, à exemplo dos estudos de caso único já publicados de lavra recente pelo LACCOS<sup>11</sup> (ver Nascimento, Virgolino, Savoldi, & Roazzi, 2020; Viana et al., 2020), além de estudos de outros autores da psicologia cognitiva (ver Hurlburt & Schwitzgebel, 2007).

Os principais aspectos metodológicos do estudo serão apresentados a seguir.

### *Participantes*

O participante do estudo, aqui referido como Elias (nome fantasia), é do sexo masculino, jovem, 24 anos, de orientação sexual autoreferida como homoafetiva, estudante do 1º período do curso superior em Administração de Empresas, sem filiação religiosa na atualidade, trabalha como vendedor em loja de Shopping Center destinado à população de nível socioeconômico elevado (classe A), natural e domiciliado na capital potiguar, Natal, Rio Grande do Norte, RN.

### *Instrumentos*

Na geração dos dados deste estudo foi utilizada a *Entrevista Fenomenológico-Cognitiva dos Estados Autoconscientes – EFEA* de Nascimento (2008), a qual constitui-se de um roteiro de entrevista em profundidade padronizado para levantamento e descrição da fenomenologia de estados autoconscientes da mente e das mediações cognitivas, em especial, as relacionadas a imagens mentais e fala interna, na relação com distintos parâmetros de consciência, tanto a de vigília quanto a estados incomuns. No estudo utilizou-se apenas o protocolo relacionado aos parâmetros de vigília

---

<sup>11</sup> Laboratório de Estudos de Autoconsciência, Consciência, Cognição de Alta Ordem e Self (LACCOS), da Universidade Federal de Pernambuco, promotor também do presente estudo.



## Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

(EFEA-V), o qual se estrutura em dois momentos sequenciados: tarefa de indução de estado autoconsciente, com duração de 1 minuto; e, entrevista em profundidade de orientação fenomenológica cognitiva, com apoio no Mapa das Mediações Cognitivas de Autoconsciência durante a Vigília, para registro dos elementos emergentes na consciência autoreflexiva encontrados durante o relato do respondente<sup>12</sup>.

### *Procedimentos*

A coleta de dados foi operacionalizada após análise e aprovação do projeto pelo Comitê de Ética da UFPE (Registro CEP/CCS/UFPE Nº 132/06). Após contato inicial na instituição de ensino superior do participante, marcou-se data e local de conveniência do mesmo e a entrevista transcorreu em única sessão de duração de trinta minutos e vinte e sete segundos, no local de trabalho do mesmo, após o expediente, e sem interrupções de terceiros, tendo sido apresentados os objetivos do estudo e obtida a anuência do participante e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A entrevista foi audiogravada com a permissão do participante, e o conteúdo integral foi transcrito e encaminhado a análise. Todo o delineamento do estudo contemplou as diretrizes para a pesquisa científica com seres humanos no Brasil.

### *Análise de dados*

A análise dos dados do transcrito seguiu as indicações do método fenomenológico padrão, nas diretrizes da técnica de análise temática, segundo a formalização de Cott e Rock (2008), a partir de mergulho intensivo na leitura deste *corpus*, visando-se identificar as unidades *princeps* de sentido, e posterior formalização de unidades temáticas (categorias), a fim de se construir ao final um parágrafo sumário na forma de uma definição estrutural fundamental

---

<sup>12</sup> Para apresentação em detalhes do EFEA-V, indicamos o estudo de validação e apresentação de Nascimento (2008). Para uma reflexão crítica sobre a epistemologia fenomenal subjacente a este instrumento em 1ª pessoa na pesquisa da autoconsciência fenomenal, ver Nascimento, Paula e Roazzi (2020).



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

que capturou a essência da experiência autoconsciente vivenciada pelo participante durante a tarefa de autofocalização da atenção.

### Resultados e Discussão

Quando da realização da entrevista fenomenal em profundidade o participante relatou identificar, após o estímulo autofocalizador, durante o período de 1 (um) minuto, no fluxo da experiência interna, diferentes elementos e nuances da consciência fenomenal, aqui caracterizadas pelas categorias temáticas (CT): (CT1) *Visualização interna*, (CT2) *Fala interna*, (CT3) *Autoconsciência e processo auto-avaliativo*, (CT4) *Sentimento*, (CT5) *Consciência Sensorial*, e, (CT6) *Self físico e autoconsciência pública*.

Quando da investigação acerca dos elementos da experiência interna que se fizeram emergentes para o participante durante o exercício autofocalizador, identificam-se, desde o início do relato, episódios que apontam para a existência de elementos na forma de visualizações internas (CT1):

“Entrevistador (E) - Durante sua experiência de auto-observação, algum tipo de imagem lhe veio à mente? Você poderia recontar com detalhes sobre como essas imagens são, caso elas tenham aparecido em sua experiência?

Participante (P) - Rapaz foi como eu acabei de comentar nessa roupa (participante aponta para uma roupa na vitrine), *eu me vi nessa roupa*<sup>13</sup> me sentindo muito bem.”

Tal elemento se revelou com inúmeras sutilezas a ponto de sua fenomenologia explorar informações acerca de aspectos como cores, textura, volume, perspectiva, dentre outros, como se observa no seguinte excerto:

“E - Qual roupa?

---

<sup>13</sup> Os trechos em itálico deste e dos demais excertos do transcrito são ênfases dos pesquisadores aos elementos em foco na corroboração do conteúdo fenomenal da categoria em apresentação.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

P - *A camisa branca com essa calça.*

E - *A de listras?*

P - *A de listras. Com essa calça. A roupa mesminha.*

E - *Certo, você se viu nela?*

P - *Eu me vi nessa roupa.*

E - *Mas você, era como se você estivesse vestido com ela, ou você via*

*você [sic] vestido nela como se você fosse um outro?*

P - *Um outro. Um observador.”*

Mediante esta pletora de nuances dos elementos de base imagética identificados, a perspectiva aponta, junto aos demais caracteres fenomenais deste episódio de visualização interna como as percepções de forma e comprimento, uma característica peculiar da estrutura da experiência interna do participante em questão, seu modo peculiar de experienciação.

“E - *Você se viu vestido nesse modelo completo, com calça e camisa da vitrine, ok. Me descreve essa imagem com detalhes. O que foi exatamente que você viu?*

P - *Eu me vi com essa camisa do jeito que ela tava com os dois botões abertos de cima, porque eu gosto, já me disseram que o meu peito é bonito e eu gosto de mostrá-lo realmente, gosto do comprimento da manga porque gosto de mostrar meu bíceps, gosto de mostrar minha tatuagem. Eu sou uma pessoa bonita bem resolvida comigo nessas coisas e aceitando o meu corpo do jeito que ele é.*

E - *Ok. De que ângulo você se observou? Você tava de cima, do lado|*

P - *Não. Na horizontal olhando|*



**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

E - Como se você estivesse diante dele?

P - *Diante*. Exato.

E - E no mesmo plano.

P - *No mesmo plano*.

E - Na mesma altura?

P - *Isso*".

O relato fenomenal do participante expressa a complexidade de como as visualizações internas são sentidas (Chalmers, 1996) e ecoa achados similares de pesquisa empírica de Nascimento (2008) e Heavey e Hurlburt (2008), os quais evidenciam a pervasividade de experiências de natureza visual na consciência fenomenal, incluindo-se imageria autoscópica como a encontrada por Nascimento (2008). O sumariar dos aspectos imagéticos pontuados até aqui como perspectiva, volume, forma, etc., parece dizer de um fluxo de experiência interna que encerra uma estrutura complexa povoada por distintos caracteres fenomenais, o que nos faz pensar que não se trata da visualização de um objeto único, mas sim de uma cena completa, que envolve várias constelações de imagens do mesmo objeto, com diferentes nuances de cores, movimento, perspectiva, volume, dentre outros aspectos, à semelhança dos achados da fenomenologia complexa da mediação icônica de autofoco do estudo de Nascimento (2008) com população universitária, com a predominância encontrada de cenas complexas, em vez de objetos imagéticos unitários.

Todavia, a ocorrência dos elementos aqui postos em apreciação não se deu, exclusivamente, de forma isolada, mas, sobretudo, associada a outros aspectos e nuances da experiência interna. A coocorrência dos episódios de visualização e outros elementos da experiência interna fora identificada em diferentes momentos do relato do participante. Um deles diz respeito a associação das visualizações com os sentimentos. Leia-se na íntegra:



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

“E - Quando nós pensamos sobre qualquer coisa ou sobre nós mesmos, nossos pensamentos às vezes são formados por imagens que vem à nossa mente. Durante sua experiência de auto-observação, algum tipo de imagem lhe veio à mente? Você poderia recontar com detalhes sobre como essas imagens são, caso elas tenham aparecido em sua experiência?

P – Rapaz, foi como eu acabei de comentar nessa roupa, *eu me vi nessa roupa me sentindo muito bem.*”

A trama em questão evidencia um processo cognitivo denominado como de alta ordem (*high order*), a representação de uma representação, quando estados mentais se tornam conscientes ao serem tomados como conteúdo representacional de representações de alta ordem (Kriegel, 2006), aqui, de natureza representacional imagética da base figurativa da mente (Nascimento, 2008; Nascimento & Roazzi, 2013; Nascimento, Virgolino, Savoldi, & Roazzi, 2020), enlaçadas a processos afetivos, denotando uma arquitetura cognitiva complexa a mediar a experiência consciente deste sujeito. A riqueza desta tessitura também se expressa a partir do enlace das visualizações internas de Elias com caracteres fenomenais relacionados a temporalidade cognitiva:

“E - Então essa imagem durou pouco tempo, muito tempo, como foi a visualização dela?

P - ... *Durou alguns segundos, não muito não. Durou o tempo que eu me percebesse dentro e quanto eu ficaria bem nessa roupa*”.

O achado ecoa a pesquisa cognitivoenativa e fenomenológica de Shanon (2003) com a Ayahuasca em que a inebriação com o breu permitiu a descrição do importante parâmetro de consciência do Tempo, o qual assume variados valores quando do estado alterado de consciência. A temporalidade tal como aqui também manifesta num outro estado de consciência, a saber, o de vigília,



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

manifesta uma nota fundamental da organização da experiência – sua estrutura temporal e de fluxo ou sucessão, imanente numa fenomenologia marcada por uma duração vivenciada junto com os demais caracteres do fluxo fenomenal.

Outro elemento de forte presença no relato do participante são as experiências de natureza linguajeira. A Fala interna (CT2) é um elemento deveras importante para o funcionamento psicológico saudável, mediante seu caráter auto-organizador, e há estudos que sinalizam que  $\frac{1}{4}$  de nossa vida em estado de vigília se dá mediado por intermédio da fala interna (Hurlburt & Heavey, 2001). Este foi o primeiro dos elementos que se fez presente no fluxo da experiência interna do participante, conforme testemunha o excerto em destaque:

“E - Eu gostaria de explorar com mais detalhes a experiência de auto-observação que você vivenciou. [...] Durante sua experiência de auto-observação, palavras ou frases lhe vieram à mente? Você poderia recontar com detalhes essas palavras ou frases caso elas tenham aparecido em sua experiência?”

P – Acho que ‘*Amor próprio*’ foi o que apareceu primeiro. Eu acho também que ... é única. ‘*Amor próprio*’”.

A ocorrência da proferição silenciosa “amor próprio” no fluxo da experiência consciente de Elias, isolada e de estrutura frásica complexa com dois termos gramaticalmente relacionados, não se deu de forma pontual, mas sim, se manteve presente, de forma pura ou associada a outros elementos, reiteradas vezes, durante todo o decorrer do exercício autofocalizador.

“E - Então o que vinha à mente, o que passou na sua cabeça durante o resto do tempo?”

P - Voltava sempre o ‘*amor próprio*’ em tudo que eu acabei de falar. Que eu acho que é por isso que tão olhando pra mim, por eu estar me sentindo bem comigo, por eu ta [sic] podendo usar as coisas que eu quero usar hoje, por eu estar



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

saindo pra esses lugares e podendo ser quem eu realmente sou. Se em algum momento eu quero dançar mais, mais livre, mais sei lá afeminado, alguma coisa, eu posso fazer. Coisas que eu gostaria de fazer nas outras festas e que eu não podia. E tudo isso está me fazendo muito bem.

E - Então a palavra [sic] ‘amor próprio’ veio seguidas vezes é isso?

P - *Várias vezes.*

E - Certo. Tu tens a idéia de quantas vezes?

P - Não. *Veio diversas vezes.*

E - Duas pelo menos?

P - *Mais.*

E - Três?

P - *Eu acho que umas cinco ou seis vezes.”*

A pulsação sistemática da fala interna no fluxo da experiência interna de Elias, expressa segundo o mesmo informante, a incrível sensação de liberdade e construção paulatina de autoestima pela assunção recente de uma identidade gay frente às pessoas de sua convivência imediata. Tal recorrência referendada pela imediatez com que este elemento adveio na experiência reiteram achados da literatura sobre a centralidade da fala interna no funcionamento psicológico (Nascimento, 2008; Magalhães & Nascimento, 2018; Verhaeghen & Mirabito, 2021; Hurlburt & Schwitzgebel, 2007; Hurlburt & Heavey, 2001; Hurlburt et al., 2017; Morin, 2017; 2006; 2005; Morin & Racy, 2021), e consolidação das identidades e de um self generificado (Morin, 2017; Nascimento et al., 2019). No excerto a seguir observa-se a disponibilidade cognitiva dos elementos linguageiros para mediar a experiência interna e a complexidade dos caracteres fenomenais da fala interna identificados quando do escrutínio da experiência consciente do sujeito:



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

“E - Na sua experiência... Eu quero saber enquanto ocorrência mental, enquanto uma coisa que veio a sua mente durante o minuto que eu pedi que você observasse você mesmo... Assim que você fechou os olhos você pensou imediatamente na palavra [sic] ‘amor próprio’, não é isso?

P – *Exatamente*”.

Perceba-se que assim como o elemento temporal da duração, os caracteres fenomenais da imediatez e da evanescência, os quais também marcaram presença nas ocorrências das visualizações internas, apareceram associados ao elemento da fala interna. O trecho a seguir destaca este aspecto:

“E - Assim que você fechou os olhos você pensou *imediatamente* na palavra [sic] amor próprio, não é isso?

P - *Exatamente*.

E - E *apareceu logo* a imagem, ou a imagem demorou um pouco?

P - Não. *Veio junto com a imagem*.

E - Só que você disse que *a imagem não demorou muito*.

P - *Não demorou muito*.

E - *Ela apagou*, então nada mais veio em sua mente até o final da experiência?

P - *Não*”.

Ainda sobre a associação entre visualizações e fala interna, o participante relata o quanto as visualizações parecem reiterar as preferições anteriormente pontuadas.

“E - E a imagem mudava quando você pensava em amor próprio?



## Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

P - Não. *Era sempre vestido com essa roupa, como eu tenho a mania de ficar mexendo no cabelo, sempre era desse jeito, como eu já disse, com o botão aberto da camisa, ressaltando a manga, ressaltando o bíceps.*

E - Seriam diferentes versões da mesma imagem, é isso? É como se em uma você visse você [sic] mexendo o cabelo, ou você fazendo alguma outra coisa com essa roupa, é isso?

P - Não. Só foi uma imagem, uma única vez, mas que eu vi que eu mexia no cabelo, que *eu via que o braço tava legal, que a calça tava caindo bem.*”

A referida passagem ressalta duas distintas expressões da autoconsciência (CT3), postas em operação no desenrolar do processo autofocalizador, uma de base psicológica, com ênfase na maquinaria psicológica que dá sustentação ao processo autoavaliativo em si acorde com os insights originais de Duval e Wicklund (1972), a autoconsciência psicológica (Chalmers, 1996), e outra de acento fenomenal, a autoconsciência fenomenal postulada por Nascimento (2008), a qual, mais afinada ao relato do participante, define-se por estados mentais, eventos e processos envolvidos quando, e apenas quando, dado objeto está sob a apreciação da consciência (Kriegel, 2006). O trecho supracitado delinea a essência da autoconsciência como processo atento que cursa com escrutínio do *self* sobre si mesmo, com emissão de juízo autoavaliativo, neste momento, de juízo favorável de Elias sobre seu *self* físico, com afetos positivos precipitantes do processo (Duval & Wicklund, 1972).

De modo subsidiário, a cinética das imagens identificadas também apresentaram elementos que apontam para a presença de processos autoavaliativos à luz da autoconsciência psicológica os quais se fazem presentes quando do relato de movimento e cores elencados no fluxo da experiência interna.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

“E - Eu gostaria de detalhar um pouco mais as imagens que vieram à sua mente durante sua experiência de auto-observação. No caso foi uma única. *A imagem que apareceu durante sua experiência de auto-observação era imóvel como as imagens das fotografias ou ela tinha movimento como as imagens que aparecem no cinema ou na televisão?*

P - *Movimento. Tinha movimento. A parte que eu mexia no cabelo, que eu olhava em direção pro meu braço, via que ele tava legal. Essas coisas assim.*

E - *Ok. A imagem que apareceu durante sua experiência de auto-observação era colorida ou não parecia ter cor?*

P – *Colorido [sic]*”.

Outro aspecto, também digno de nota, refere-se à vividez das imagens. Imagens claras com nitidez/vividez absoluta caracterizam a estrutura da experiência interna em pauta, conforme resposta de Elias ao pesquisador consoante à escala de vividez de imagens mentais do Mapa das Mediações Cognitivas de Autoconsciência durante a Vigília:

“E - A imagem que apareceu durante sua experiência de auto-observação era vívida ou não? *Qual o grau de clareza e vividez que essa imagem teve como ela apareceu na sua observação?* Vou citar cada uma das imagens, no caso aqui apenas uma né, então você me diz o grau de vividez de acordo com a seguinte marcação nesta escala. O zero é quando você não visualiza, você tá pensando em alguma coisa mais não visualiza essa coisa na sua mente. No um você já consegue visualizar, mas de forma muito vaga sem nenhuma clareza e vividez. No dois você já visualiza de uma maneira um pouco mais vívida e clara que a| o número um.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

No três você já visualiza com alguma vividez e clareza, né? E o quatro seria com clareza e vividez | total |.

P - | *Quatro*. |

E - Ou seja, *o quatro seria com toda discriminação de detalhes da imagem, não é?*

P - Hum rum.

E - Então qual seria?

P - *Quatro*”.

Os sentimentos (CT4), apesar de pouco salientes no relato de Elias, aparecem em dado momento de sua experiência com certa conexão com o elemento da visualização interna:

“E - Se a instrução dada era que você observasse a si mesmo, que relação a imagem que te veio à mente tem contigo? A instrução foi: observe a você mesmo, não é? Preste atenção em você mesmo. Então *que relação essa imagem teve com você?* Além do fato de ser você, não é? O seu corpo.

P - Uma relação de *bem-estar...*”.

Pouco frequente, quando em comparação com os episódios de visualizações e proferições internas, mas não menos importante, é o elemento da consciência sensorial (CT5), o qual se fez presente quando da finalização da entrevista, quando Elias relata sua sensação térmica:

“E - Durante todo o tempo do experimento, *você sentiu algum tipo de dor ou desconforto físico?* Durante o um minuto em que você esteve observando a você mesmo. | Você sentiu algum tipo |

P - | *Eu senti calor*. |

E- De dor?



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

P- *Não. Dor não. Calor.*”.

Apesar da experiência interna do referido participante apresentar uma estrutura fortemente visual, os elementos da fala interna também se mostraram relevantes, indiciando uma centralidade deste elemento na cognição (Morin, 2005), onde o pensamento parece estar envolto em linguagem, mesmo que esta discursividade interior pareça manter o intuito de reiterar a força das visualizações internas.

“E - *A imagem que apareceu durante sua experiência de auto-observação era silenciosa, ou se acompanhava de algum tipo de fala? Se ela se acompanhava de algum tipo de fala, a fala era das personagens ou parecia ser de sua mente, ou seja, você próprio ‘falando’ e não as personagens que foram visualizadas? Nesse caso você viu a si mesmo, então quem estava dizendo ‘amor próprio’ era a imagem, você via a imagem e ouvia a imagem dizer isso, ou não, a imagem estava silenciosa mas era o seu*

P - *O meu pensamento estava falando isso*”.

Um dos aspectos da experiência interna aqui posto em apreciação parece ter a ver com a habilidade do participante de acessar a dimensão interna com clareza, precisão e objetividade, revelando um funcionamento acurado do acesso interno, o qual propicia a otimização da introspecção autoreferenciada (Morin, 2005; Nascimento et al., 2019), em especial quando mediada pelas imagens mentais (Nascimento & Roazzi, 2013; Morin, 2005). Caracterizada por um forte viés visual, atrelado, mais fortemente, às proferições internas, bem como aos sentimentos e a consciência sensória, a estrutura da experiência interna do sujeito em questão parece manter, no âmbito geral, marcante coerência interna, haja vista, a expressão do *self* público, os aspectos visíveis do *self*, responsável pela organização funcional da autoconsciência, expressos pelos comportamentos, pela corporalidade, gestualidade, expressividade e, sobretudo, pela aparência física, se faz presente mediante a abundância de



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

elementos concretos visuais. Observe-se a saturação visual no excerto já apresentado alhures:

“P - Eu me vi com essa camisa do jeito que ela tava com os dois botões abertos de cima, porque eu gosto já me disseram que *o meu peito é bonito* e eu gosto de mostrá-lo realmente, gosto do comprimento da manga porque *gosto de mostrar meu bíceps, gosto de mostrar minha tatuagem. Eu sou uma pessoa bonita bem resolvida comigo nessas coisas e aceitando o meu corpo do jeito que ele é.*”.

No relato aqui empregado, a incidência de elementos quase sempre voltados ao *self* público (CT6) parece contribuir para o instanciar de um modo de ser, de um estilo de vida, que parece não privilegiar a autoconsciência privada, a qual, lança um olhar autoatentivo e reflexivo sobre a face privada do *self*, a exemplo dos sentimentos e das emoções, mas sim, sucumbe aos ditames da autoconsciência pública, achado este que discrepa da alta expressão de autofoco privado encontrado em outros estudos nacionais com subamostras masculinas em perspectiva psicométrica (Nascimento & Roazzi, 2013; Teixeira & Gomes, 1996). Tal natureza de autoconsciência, ao se fechar no *self* público, lança luz sobre uma dimensão de forte relevo na construção da identidade gay - a dimensão pública. Não raro os sujeitos homossexuais são mais atentos às demandas públicas uma vez que são nestas, o que a família, e a sociedade esperam, exigem e/ou determinam para este segmento populacional, onde, quase sempre, residem a origem de muitas de suas angústias e anseios (ver Santos & Lago, 2013; Canali *et al.*, 2014). Este apelo ao autofoco público é claramente expresso no excerto a seguir:

“P - Mas hoje eu tô [sic] vendo que eu me sentindo bem comigo mesmo do jeito que eu tô [sic], é reforçando as minhas qualidades, escondendo onde tem que esconder e me sentindo bem comigo mesmo, *todo mundo ao meu redor tá*



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

*[sic] falando: vejam o meu cabelo que tá [sic] bonito, vejam o meu corpo que tá [sic] bom, vejam o quanto eu sou atraente, interessante... [...] todo mundo está me elogiando, de todo mundo tá [sic] olhando pra mim, prestando atenção em mim.”*

Especialmente os homens jovens homossexuais, a exemplo do participante em questão, parecem ser muito mais preocupados com os apelos da dimensão pública. Tais apelos parecem contribuir para o agenciamento continuado de um processo autoavaliativo que envolve a tríade *self*, o autofoco e o *standard* (Duval & Wicklund, 1972), diga-se de passagem, de dominância, quando não, exclusividade, nos moldes da heteronormatividade (Freire & Cardinali, 2012; Fleury & Torres, 2007), que não raro, trabalham em prol de processo autoavaliativo demasiadamente ruminativo (Teixeira Filho & Rondini, 2012; Nascimento, 2008; Trapnell & Campbell, 1999). Todavia, na direção oposta ao comumente esperado pela teoria de um processo autoconsciente enquanto estado aversivo da mente pelo juízo usual de discrepância do *self* com os padrões internalizados e afeto negativo resultante conforme discutem Duval e Wicklund (1972), o relato em questão revela que o participante constrói um processo autoavaliativo de modo propositivo que se fecha num juízo favorável acerca do *self*, efeito do protagonismo de Elias em afirmar seu *self* real aos outros e a consequente experiência de liberdade e integridade na existência e nas relações consigo e com os demais *selves*, e fruto de seu autodesvelamento e auto-afirmação identitária como homem gay.

Em síntese, a análise temática fenomenal permitiu a construção de uma definição estrutural fundamental que capturou a essência da experiência autoconsciente vivenciada pelo participante durante a entrevista desvelando um estado autoconsciente marcado por Visualização interna na forma de rico espectro de constelações imagéticas saturadas de cor, cinética, perspectiva,



## **Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

forma, volume e vividez, Fala interna na forma de autoproferições silenciosas, Autoconsciência e processo auto-avaliativo mediando uma auto-apreensão pelo sujeito de caráter positivo, Sentimento positivamente valenciado de bem estar, Consciência Sensória de dor, e, *Self* físico e autofoco público, numa aderência dos processos autofocalizadores do sujeito em tela sobre auto-aspectos do *self* físico.

### **Considerações Finais**

O esforço de pesquisa empreendido de descrição exaustiva e compreensiva da experiência interna de sujeito de orientação sexual homoafetiva durante estado autoconsciente permitiu desvelar alguns padrões da experiência consciente do participante, como a saturação de elementos imagéticos na forma de visualizações internas, seu enlaçamento a outros elementos como fala interna, sentimentos e consciência sensorial, a aderência da autofocalização aos aspectos públicos do *self*, e a existência de complexa e variegada fenomenologia autoconsciente emergente em meio ao fluxo contínuo de experiência interna e consciência fenomenal do participante.

As virtudes do estudo centram-se na documentação em 1ª pessoa de estados de consciência autoreflexiva e na perspectiva de ter estudado este fenômeno na interface cognição e homossexualidades – áreas de pesquisa notadamente insipientes na psicologia cognitiva que usualmente tem pouco investimento na pesquisa com sujeitos atípicos e/ou de acesso difícil, e com grande potencial de aplicação na forma de fomento de políticas públicas de empoderamento da população LGBTQIA+, e como conhecimento que subsidie práticas psicoterápicas com esta população que leve em conta suas peculiaridades cognitivas. Estudos futuros deverão priorizar o alargamento da documentação fenomenológica de tais estados conscienciais e o acolhimento de amostras mais robustas, que apoiem a generalização mais substancial de seus achados.



### Referências

- Canali, T. J., Oliveira, S. M. S. D., Vinholes, D. B., & Feldens, V. P. (2014). Evaluation of self-esteem among homosexuals in the southern region of the state of Santa Catarina, Brazil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(11), 4569-4576.
- Chalmers, D. J. (1996). *The Conscious Mind: In search of a fundamental theory*. Oxford: Oxford University Press.
- Cott, C.; & Rock, A. (2008). Phenomenology of N,N-Dimethyltryptamine Use: A Thematic Analysis. *Journal of Scientific Exploration*, 22(3), 359-370.
- Cunha, R. B. B.; & Gomes, R. (2014). Os jovens homossexuais masculinos e sua saúde: uma revisão sistemática. *Interface (Botucatu)* [online], 19(52), 57-70.
- Duval, S., & Wicklund, R. A. (1972). *A theory of objective self-awareness*. New York: Academic Press.
- Dybvig, M. (2005). Modern Theories of Consciousness: Some Alternatives. *Synergies*, 59-62.
- Fenigstein, A., Scheier, M. F., & Buss, A. H. (1975). Public and private self-consciousness: Assessment and theory. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 43(4), 522-527.
- Fleury, A. R. D., & Torres, A. R. R. (2007). Análise psicossocial do preconceito contra homossexuais. *Estud. psicol.(Campinas)*, 24(4), 475-486.
- Freire, L., & Cardinali, D. (2012). E ódio atrás das grades: da construção social da discriminação por orientação sexual à criminalização da homofobia. *Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana*, 12, 37-63.
- Gato, J., Fontaine, A. M., & Leme, V. B. (2014). Validação e Adaptação Transcultural da Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a Gays. *Psychology*, 27(2), 257-271.
- Heavey, C. L., & Hurlburt, R. T. (2008). The phenomena of inner experience. *Consciousness and Cognition*, 17(3), 798-810.
- Hurlburt, R. T., & Akhter, S. A. (2008). Unsymbolized thinking. *Consciousness and Cognition*, 17(4), 1364-1374.
- Hurlburt, R. T., & Heavey, C. L. (2001). Telling what we know: describing inner experience. *Trends in Cognitive Sciences*, 5(9), 400-403.
- Hurlburt, R. T., Alderson-Day, B., Fernyhough, C., & Kühn, S. (2017). Can inner experience be apprehended in high fidelity? Examining brain activation and experience from multiple perspectives. *Frontiers in Psychology*, 8, 43. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00043>



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

- Hurlburt, R.T., & Schwitzgebel, E. (2007). *Describing Inner Experience: proponent meets sceptic*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- Kriegel, U. (2006). Consciousness, Theories of. *Philosophy Compass*, 1(1), 58-64.
- Lima, D. J. M., Paula, P. F., Souza Aquino, P., Lessa, P. R. A., Moraes, M. L. C., Cunha, D. D. F. F., & Pinheiro, A. K. B. (2014). Comportamentos e práticas sexuais de homens que fazem sexo com homens. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 67(6), 886-890.
- Lippman, S. A., Périssé, A. R., Veloso, V. G., Sullivan, P. S., Buchbinder, S., Sineath, R. C., & Grinsztejn, B. (2014). Acceptability of self-conducted home-based HIV testing among men who have sex with men in Brazil: data from an on-line survey. *Cadernos de Saúde Pública*, 30(4), 724-734.
- Madureira, A. F. D. A., & Branco, A. U. (2007). Identidades sexuais não-hegemônicas: processos identitários e estratégias para lidar com o preconceito. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(1), 81-90.
- Magalhães, J. H. G., & do Nascimento, A. M. (2017). Morte, cultura, heavy metal e experiência interna: sensação e afetividade. *Psicologia em Estudo*, 22(2), 175-186.
- Magalhães, J. H. G., & do Nascimento, A. M. (2018). Significados da morte entre headbangers (fãs de heavy metal): uma incursão cognitiva-fenomenológica através da produção de fala interna. *REIA - Revista de Estudos e Investigações Antropológicas*, 5(2), 74-90.  
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/reia/article/viewFile/241584/32579>
- Magalhães, J. H. G., Nascimento, A. M., & Roazzi, A. (2019). O método introspeccionista e a investigação da consciência fenomenal: Algumas considerações. *Amazônica - Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação*, 23(1), 62-79. <https://bit.ly/2LcdyYi>
- Magalhães, J. H. G., & Nascimento, A. M., & Roazzi, A. (2020). Ontologia e emergência do conteúdo consciente. *Amazônica - Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação*, 25(2), 711-724.  
<https://bit.ly/3t97Ytn>
- Martins, V. B. C., Souza, L. N., do Nascimento, A. M., & Roazzi, A. (2019). Simulação mental, autoconsciência e construção do bem-estar: enlances em cognição social. *Revista Ensino de Ciências e Humanidades-Cidadania, Diversidade e Bem Estar-RECH*, 3(2, Jul-Dez), 705-723.  
<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/rech/article/view/6830/4818>
- Mead, G. H. (1934). *Mind, self and society: From the standpoint of a social behaviorist*. Chicago: University of Chicago Press.
- Mello, L. (2006). Familismo (anti)homossexual e regulação da cidadania no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, 14(2), 497-508.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Monteiro, S., Vargas, E., Cecchetto, F., & Mendonça, F. (2010). Identidades, trânsitos e diversidade sexual em contextos de sociabilidade juvenil no Rio de Janeiro (Brasil). *Cadernos Pagu*, 35, 79-109.

Morin, A. (2005). Possible links between self-awareness and inner speech theoretical background, underlying mechanisms, and empirical evidence. *Journal of Consciousness Studies*, 12(4-5), 115-134.

Morin, A. (2006). Levels of consciousness and self-awareness: A comparison and integration of various neurocognitive views. *Consciousness and Cognition*, 15(2), 358-371.

Morin, A. (2017). Toward a glossary of self-related terms. *Frontiers in Psychology*, 8, 280. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00280>

Morin, A., & Racy, F. (2021). Dynamic self-processes. In J. Rauthmann, (Ed.), *The Handbook of Personality Dynamics and Processes* (pp. 365-386). Amsterdam, the Netherlands: Elsevier.

Nascimento, A. M. & Roazzi, A. (2013). Autoconsciência, Imagens Mentais e Mediação Cognitiva. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 493-505. <https://bit.ly/2yUYfwg>

Nascimento, A. M. (2008). *Autoconsciência Situacional, Imagens Mentais, Religiosidade e Estados Incomuns da Consciência: Um estudo sociocognitivo*. Tese de Doutorado não publicada, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Nascimento, A. M., Paula, R. A., & Roazzi, A. (2017). Autoconsciência, religiosidade e depressão na formação presbiteral em seminaristas católicos: Um estudo ex-post-facto. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 10(1), 35-48. <https://bit.ly/2LoqhJ2>

Nascimento, A. M., & Roazzi, A. (2017). Religiosidade e o desenvolvimento da autoconsciência em universitários. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 69(2), 121-137. <https://bit.ly/2LQuSzU>

Nascimento, A. M., Junior, R. M. S., Junior, W. S., & Roazzi, A. (2020). Autoconsciência e Afetos: Enlaces Entre Afeto e Cognição nos Processos de Desenvolvimento do Self. *Revista EDUCAmazônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente (ISSN 1983-3423)*, 25(2), 491-505. <https://bit.ly/3oGkayB>

Nascimento, A. M., Paula, R. A., & Roazzi, A. (2020). Entrevista Fenomenológico-Cognitiva dos Estados Autoconscientes (EFEA) de Nascimento (2008): Aspectos de sua estrutura e implicações metodológicas de um instrumento de caráter fenomenal. *Revista EDUCAmazônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente (ISSN 1983-3423)*, 25(2), 506-517. <https://bit.ly/2Mafp37>



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

- Nascimento, A. M., Roazzi, A., de Souza, F., Dantas, S., Souza, L. N., & Mascarenhas, S. A. D. N. (2020). Mediação cognitiva na teoria do código dual e no modelo neurocognitivo e socioecológico de autoconsciência: o caso do burnout. *Revista AMazônica*, 25(2), 689-710.  
<https://bit.ly/2NU4UkZ>.
- Nascimento, A. M., Roazzi, A., Ribeiro, H. E. A., Lopes, I. M. S. F., Martins, V. B. C., & Silva, L. N. S. (2019). Dimensões fenomenais da Autoconsciência e do Autoconceito e os Elementos do Self: Enlaces funcionais. *RECH - Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar*, 5(2), 677-704. ISSN 2594-8806  
<https://bit.ly/2S5YrDI>
- Nascimento, A. M., Virgolino, B. R. C., Savoldi, R. & Roazzi, A. (2020). Ayahuasca, Mandalas e Estrutura de Visualizações: Uma leitura cognitiva estrutural. *Revista EDUCAmazônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente*, 24(1), 346-367. <https://bit.ly/3fhfYRy>
- Paula, R. A., & do Nascimento, A. M. (2018). Os significados da experiência interna da formação presbiteral: uma análise temática fenomenal. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 24(1), 24-34.
- Santos, D. K. & Lago, M. C. S. (2013). Stylistics, aesthetics and ethics of homoeroticism in older men's self narratives. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, 15, 113-147.
- Serralta, F. B., Nunes, M. L. T., & Eizirik, C. L. (2011). Considerações metodológicas sobre o estudo de caso na pesquisa em psicoterapia. *Estud. Psicol. (Campinas)*, 28(4), 501-510.
- Shanon, B. (2003). Altered states and the study of consciousness—the case of ayahuasca. *The Journal of Mind and Behavior*, 24(2), 125-153.
- Silva, L. A. V. (2010). Cybersexuality and online research: some reflections about the concept of barebacking. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 14(34), 513-528.
- Souza Neto, E. N., Viana, N. J. Q., Nascimento, A. M., & Roazzi, A. (2020). Autoconsciência e autorrepresentações do self entre trabalhadores do mercado sexual homoerótico sul-americano. *RECH-Revista Ensino de Ciências e Humanidades –Cidadania, Diversidade e Bem Estar*, 4(2), 607-630. <https://bit.ly/2NKOKtP>
- Souza Neto, E. N., Viana, N. J. Q., do Nascimento, A. M., & Roazzi, A. (2021). Estruturação e consolidação do mercado sexual homoerótico sul-americano a partir das experiências de Recife/BR e Buenos Aires/AR. *Educamazônia-Educação, Sociedade e Meio Ambiente*, 13(2), 451-466.  
<https://bit.ly/319TcJP>
- Stake, R. E. (2000). Case studies. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln. (Eds.), *Handbook of Qualitative Research* (pp. 435-454). London: Sage.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

- Teixeira Filho, F. S., & Rondini, C. A. (2012). Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas. *Saúde e Sociedade, 21*(3), 651-667.
- Teixeira, M. A. P. & Gomes, W. B. (1996). Escala de autoconsciência revisada (EAC-R): Características psicométricas numa amostra de adolescentes brasileiros. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 48*(2), 78-92.
- Toledo, L. G., & Pinafi, T. (2012). A clínica psicológica e o público LGBT. *Psicol. clin, 24*(1), 137-163.
- Trapnell, P. D., & Campbell, J. D. (1999). Private self-consciousness and the five-factor model of personality: Distinguishing rumination from reflection. *Journal of Personality and Social Psychology, 76*(2), 284-304.
- Velmans, M. (2009). How to define consciousness - and how not to define consciousness. *Journal of Consciousness Studies, 16*(5), 139-156.
- Verhaeghen, P., & Mirabito, G. (2021). When you are talking to yourself, is anybody listening? The relationship between inner speech, self-awareness, wellbeing, and multiple aspects of self-regulation. *International Journal of Personality Psychology, 7*, 8-24. <https://doi.org/10.21827/ijpp.7.37354>
- Verhaeghen, P., & Mirabito, G. (2021). When you are talking to yourself, is anybody listening? The relationship between inner speech, self-awareness, wellbeing, and multiple aspects of self-regulation. *International Journal of Personality Psychology, 7*, 8-24.
- Viana, N. J. Q., do Nascimento, A. M., de Souza Neto, E. N., Magalhães, J. H. G., & Roazzi, A. (2020). Os sentidos da atratividade física em pessoas idosas: um estudo de caso fenomenal. *Revista Ensino de Ciências e Humanidades-Cidadania, Diversidade e Bem Estar-RECH, 4*(2, jul-dez), 583-606. <https://bit.ly/3j1Hq8J>
- Yin, R. K. (1984). *Case study research: Design and methods*. London: Sage.
- Zambrano, E. (2006). Parentalidades "impensáveis": pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. *Horizontes Antropológicos, 12*(26), 123-147.

**Recebido:** 20/10/2021. **Aceito:** 20/12/2021.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

**Sobre autores e contato:**

**Alexsandro Medeiros do Nascimento**

Departamento de Psicologia - Universidade Federal de Pernambuco

E-mail: alexmeden@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-9981-8384>

**Normando José Queiroz Viana**

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)

E-mail: normando.viana@unifesspa.edu.br

**Marijaine Rodrigues de Lima Freire**

Departamento de Psicologia - Universidade Federal de Pernambuco

E-mail: jaine.freire@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-7990-0348>

**Antonio Roazzi**

Departamento de Psicologia - Universidade Federal de Pernambuco

E-mail: roazzi@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6411-2763>

<http://lattes.cnpq.br/6108730498633062>

[https://www.researchgate.net/profile/Antonio\\_Roazzi](https://www.researchgate.net/profile/Antonio_Roazzi)